ISSN 1981-1268

http://dx.doi.org/10.21707/gs.v10.n01a15

As coisas e seus agenciamentos no universo dos seringueiros no romance "Dos ditos Passados em Cassianã" de Paulo Jacob

Sônia Maria Neves Bittencourt de Sá[1]

[1] *Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Prodema-UFPB (2011) e mestranda em antropologia – PPGA-UFPB Tem experiência em pesquisa na área de educação física e políticas públicas para sustentabilidade no esporte. E-mail: sb.sa@uol.com.br*

Recebido em 12 de setembro de 2015. Aceito em 22 de dezembro de 2015. Publicado em 30 de junho de 2016.

Resumo – Este ensaio é uma reflexão sobre os universos das coisas que cercam os seringueiros, de modo geral, nordestinos, na fazenda de Cassianã durante o ciclo auge da borracha, no Amazonas no final do século XIX e início do XX, e os estudos sobre a materialidade das coisas. A partir das narrativas dos personagens do romance de Paulo Jacob, particularmente, de Marcelino, se busca analisar como uma diversidade de coisas entre elas memórias e lembranças vão agenciando as dinâmicas das transformações que se operam na vida dos emigrantes nordestinos e tudo que então lhe era de alguma forma desconhecido. Foi feito um paralelo entre as reflexões dos personagens desta obra e a do personagem Markovic, no romance do Pintor de Batalhas de Arturo Pérez-Reverte, sobrevivente da guerra da Bósnia. Ambas as personagens travam uma luta contínua, para sobreviver, sendo suas falas impregnadas de observações e descrições sobre as forças econômicas e sociais, visíveis e invisíveis que moldam as diferentes coisas, paisagens e poder que vão se amolgando, particularmente, nos contextos de sobrevivência e escravidão. A construção deste ensaio teve como referências os textos de Andrew Jones em Memória e Cultura Material; Daniel Miller e sua obra Treco, Troços e Coisas e outros trabalhosde economia, de antropologia e filosofia. Neste sentido o próprio romance de Paulo Jacob é um dos objetos o qual me permite pensar: O que é o Homem afinal?

Palavras-Chave: *Migração. Seringueiro. Materialidade. Capitalismo. Escravidão*

Things and their agenciements assemblages in the universe of rubber tappers in the novel "of those Passed in Cassianã" of Paulo Jacob

Abstract – This essay is a reflection on the universes of things that surround the rubber tappers, generally, northeastern, on the farm of Cassianã during the cycle peak of rubber in the Amazon at the end of the 19th and early 20th century, and the studies on the materiality of things. From the narratives of the characters from the novel by Paul Jacob, particularly, Marcelino, seeks to analyze how a diversity of things between them memories and memories with handling that operate in northeastern immigrants lives and everything so it was unknown by them.There was a parallel between the reflections of the characters of this work and the character Markovic, the romance of the Painter of Battles by Arturo Perez-Reverte, survivor of the Bosnian war. Both characters waging a continuous struggle to survive, being impregnated his speech observations and descriptions of economic forces and social, visible and invisible that shaping the different things, landscapes and power that will denting, particularly, in the context of survival and slavery. The construction of this test took as references the texts of Andrew Jones in Memory and Material Culture; Daniel Miller and his work Stuff, and got things and other Sections economics, anthropology and philosophy. In this sense the novel of Paul Jacob is one of the objects which allow me to think: what´s the man after all?

Key Words: *Migration. Tapper. Materiality. Capitalism. Slavery*

Cosas y sus ensamblajes? en el universo de caucheros en la novela "de los ?? passados en Cassianã" de Paulo Jacob

Resumen – Este ensayo es una reflexión sobre los universos de cosas que rodean a los caucheiros generalmente al noreste, enla granja de Cassianã durante el pico del ciclo, caucho en la Amazonia, entre las 19 finales y princípios del siglo 20 y los estudios sobre la materialidad de las cosas. De las historias de los personajes de la novela de Paul Jacob, particularmente, de Marcelino, si buscar analisa con una gran variedad de cosas incluyendo memorias y recuerdos se manejo de la dinámica de las transformaciones que operan em la vida de los inmigrantes noreste y todo era tan de alguna manera desconocida. Había un paralelo entre las reflexiones de los personajes de esta obra y del personaje em la novela de Markovic, pintor de batallas de Arturo Pérez-Reverte, sobreviviente de la guerra de Bosnia. Ambos personajes empreender un curso, luchan por sobrevivir, están impregnados de sus observaciones y descripciones sobre el económico y social de las fuerzas, visíveis e invisibles que dan forma a las cosas diferentes, paisajes y encendido a bollar, particularmente en contextos de supervivencia y la esclavitud. La construcción de este ensayo tenía como referencias los escritos de Andrew Jones en memoria y cultura Material; Daniel Miller y su obra Stuff y otros textos sobre economía, Antropología y filosofía. En este sentido la propia novela de Paul Jacob es uno de los objetos que me permite pensar: ¿Qué es elhombre de todos modos?

Palabras Clave: *Migración. Cauchero. Materialidad. Capitalismo. Esclavitud*

Os rastros da escravidão em os Ditos Passados em Cassianã de Paulo Jacob

Os Ditos passados em Cassianã é uma das obras da trilogia mais conhecidas e premiadas do escritor amazonense Paulo Jacob. Falecido em 1990, o autor neste romance, escrito em 1969 e segundo lugar no prêmio nacional Walmap, retrata como a Amazônia, no período de maior esplendor de sua economia, teve como base de sua sustentação a borracha. Economia em grande parte sustentada pela difícil vida dos imigrantes nordestinos que ao fugir de uma avassaladora seca iam para lá, de modo geral, em busca do sonho de um enriquecimento no comércio da borracha. Vivendo em um meio desconhecido e hostil as suas realidades de semiárido e sertão, particularmente do Ceará e da Paraíba, estes imigrantes lutavam ao longo de suas vidas como seringueiros dentro de matas, cercados por rios de proporções até então, desconhecidas para eles, e na companhia de outros animais que não os domésticos, totalmente desconhecidos de suas realidades. Da pequena roça para a densa floresta. Da superfície de um mundo conhecido a um mergulho nas profundidades da selva amazônica.

O sistema mercantil que sustentava o mercado da borracha na Amazônia somente era possível por um suprimento constante de mão-de-obra. Uma das principais necessidades disto estava na alta insalubridade da região o que aumentava em muito os óbitos. Segundo Furtado(1959), apesar da escassez de dados sobre os fluxos migratórios nesta região, acredita-se que a população deslocada para a região amazônica não seria inferior a meio milhão de pessoas. Esta enorme transumância, diz o autor, talvez, tenha aumentado devido à imigração europeia para a região cafeeira o que deixou disponível um excedente de população nordestina para a expansão da produção da borracha.

Paisagens da época serão retratadas no romance dos Ditos passados nos acercados de Cassianã. O tema central da obra será

a vida dos seringueiros dentro da fazenda Cassianã e as relações cotidianas entre coronéis, borrachas e seringueiros. O romance permite fazer uma série de reflexões sobre o quanto as vidas destes seringueiros estavam delineadas pelos arbítrios dos coronéis que os contratavam. Assim, não era incomum passar de um sistema de economia semiescravocrata de um coronel para o de escravidão total com outro coronel. Não é à toa que, no romance, assim como na realidade, a parte do excesso de poder que os coronéis tinham sobre os seringueiros vinha da certeza do excesso de procura de trabalho por parte de imigrantes, principalmente nordestinos.

Paulo Jacob com seu romance nos leva ao interior de um mundo dito civilizado e dito bárbaro simultaneamente pouco visível a exterioridade na densa floresta. Ali as relações de poder não obedeciam a nenhuma legalidade a não ser aquela determinada pelos jogos tácitos entre os senhores dos seringais, imigrantes, foragidos e os políticos da região. Como exemplo, não se contratar seringueiros fujões. Se encontrado devolver ao seu dono para os devidos castigos modelares. Todas as instituições sociais e-ou políticas participavam deste emaranhado de teias que tiravam dos seringueiros qualquer possibilidade de se olharem como sujeitos de suas vidas. Sem os vitimizar, pelo contrário, seus personagens faziam questão de guardar e de rememorar, em diversos momentos, os tempos em que mesmo com poucas posses eram homens livres, donos de suas vidas e sonhos. Este período pode ser datado, de acordo com Celso Furtado (1959), nos últimos anos do século XIX, quando do aumento da produção de borracha na Amazônia e anterior a prolongada seca que se abateu sobre o nordeste no período de 1877-80, durante a qual desapareceu quase todo o rebanho da região com a morte de cem a duzentas mil pessoas.

Nesta contínua dinâmica pendular entre a dura realidade de confins esquecidos da civilização e as memórias das reminiscências do que se sentia e compreendia por ser homem é que seus personagens lutavam para permanecerem vivos. Como nos diz Victor Ribeiro (2006) a impossibilidade de reproduzir o seu *modus vivendi* tal qual no sertão nordestino fizera com que os imigrantes nordestinos na Amazônia abandonassem, adaptassem, inventassem e inovassem, fazendo surgir um novo homem- o sertanejo, ou caboclo amazônico – e um novo cotidiano, próprio da paisagem em que se encontravam.

A leitura desta obra me permitiu fazer uma série de reflexões a respeito da relação entre homens, naturezas e coisas, tendo como referências os textos de Andrew Jones em Memória e Cultura material; Daniel Miller e sua obra Treco, Troços e Coisas e o artigo de Silveira e Filho sobre uma antropologia documental. Textos que foram apresentados e debatidos ao longo da disciplina dos objetos as coisas: a materialidade em processo do curso de pós-graduação em antropologia da UFPB ministrada pelo professor Dr. Carlos Xavier A. Netto.

A leitura e a pesquisa dos pontos que permeavam o campo da antropologia das coisas e sua teoria da materialidade e a literatura romântica de Cassianã me remeteram a outros campos de conhecimento, particularmente, aos de filosofia como os trabalhos Bérgson (1999) sobre a memória, aos estudos de Cassirer (1967) sobre a antropologia filosófica e a Hegel (1989), não só pelas citações de Daniel Miller no estudo da teoria da materialidade, mas para melhor compreender suas concepções de dialética e processo. No campo da literatura, o seringueiro Marcelino me relembrou as várias reflexões feitas pelos personagens o croata Markovic e de Faulques, jornalista que usa a estética da fotografia de guerra, particularmente, a da Bósnia, no romance do escritor espanhol Arturo Pérez-Reverte, *O Pintor de Batalhas*, escrita em 2006.Assim, após as leituras destas pessoas que nos tocam por caminhos tão inesperados e tortuosos, me coube a difícil e inesgotável tarefa da reflexão: O que é possível ver de comum entre os coronéis e os seringueiros e a guerra da Bósnia na Europa separada por diferentes realidades e por quase 70 anos? E o que elas falam que permite uma discussão sobre a materialidade das coisas? E da condição humana? E Sobre a cultura e a natureza?

Os dois romances nos oferecem a partir das narrativas de seus personagens rastros de suas vidas cotidianas. Pequenos rastros construídos por objetos, naturezas, afetos, sentimentos, lembranças, memórias, enfim, coisas que nos aproximam do cotidiano vivido, no caso de Marcelino, em um seringal. Nada é insignificante para o emigrante, pois tudo lhe remete ou a sua terra natal ou pode significar estar vivo amanhã. Neste sentido, sua moralidade se esfacela em moralidades que lhe permita sobreviver. E é este pensar sobre sobrevivência que une seringueiros e croatas invisibilizados por interesses econômicos e poder. Sujeitos e grupos, etnias e interesses. Caboclos (mistura de sertanejo e o índio tapuio), sertanejos, mesmo quando pertencentes a um grupo, os indivíduos estão isolados, a coesão poucas vezes é forte o suficiente sob o poder coercitivo da tortura e da solidão dos lugares "esquecidos" seja este uma floresta ou uma guerra.

O retrato tocante de homens rudes, acostumados a todos os tipos vida, se dobrarem sob o peso de uma natureza desconhecida, e de um poder absolutizado pelo isolamento, nos leva a reflexão sobre o que e não quem são os Homens afinal?

Este estudo do romance de Cassianã será analisado sob três aspectos que se misturam: o primeiro situando a própria complexidade da relação homem/natureza e natureza e cultura no contexto histórico em que ele é narrado. No segundo, este processo será mostrado por meio de uma série de agentes não humanos, tais como roupas, comida, animais, lugar de moradia, sonhos, relações familiares, relações sociais, objetos de afetos. Estes agentes como bem colocaram em seu artigo Silveira e Filho (2005) remete a uma série de eventos trabalhados constantemente na subjetividade dos sujeitos que acabam por revelar na sua corporeidade a dinâmica entre as coisas vividas no seu cotidiano .E por último, como este universo de coisas *layers* na linguagem do design, muitas vezes, sobrepostas e, por isto, confusas nas imagens que espelham quando não compreendidas em suas filigranas, permite que o autor direcione as narrativas do processo de semiescravidão para o de escravidão absoluta e nos remeta a mesma questão, mas sobre outro enfoque: Afinal, como se constroem os homens?

Natureza e homens em simbiótica troca de epidermes

> […] esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem. Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas: é um infinito a ser dosado…
>
> Euclides da Cunha[1]

> […] Não sei que tanta beleza as pessoas vêem no amanhecer-disse Markovic de repente- Ou no pôr-do-sol. Para quem vive uma guerra, o amanhecer é sinal de céu incerto, de dúvida, de medo, do que vai acontecer…E o entardecer é a ameaça das sombras que vêm vindo, é escuridão, coração aterrorizado. A espera interminável[…] (Markovic, personagem do Pintor de Batalhas)

O romance Dos ditos Passados em Cassianã retrata a saga do paraibano Marcelino, que vai para o seringal na fazenda de Cassianã na região de Humaitá, no interior do Amazonas, durante o período de auge do ciclo da produção da borracha, final do século XIX e começo do século XX. O personagem encarna uma parte da vida dos muitos emigrantes nordestinos[2]. Ao fugir da seca que assola o nordeste junto

1 Ver Ribeiro, 2006, p.12

2 O autor não cita uma data precisa mas apenas indica por uma série

com seu irmão Sabino, expõe inúmeras diferenças sobre as narrativas de naturezas. Partindo de extremos, de um lado a seca, superfície exposta, já descrita nas primeiras páginas, como descrito por Marcelino, o personagem central da obra: "O solzão queimando o sertão, derrotando a terra, findando com tudo. Família acabando, um fim de mundo, cristão de Deus... Dias quentes, vermelhos, a terra tostou." (Jacob, 2002)

Este cenário os empurra, como um destino a escolher, atraídos pela possibilidade de riqueza ao outro extremo, ao profundo ou oculto, os seringais no meio da mata da Amazônia, na fazenda Humaitá. Ali perto da cidade de Lábrea, nas margens do Purus, outra epiderme recobre o homem:

> [...] matas, rios, as samuareiras marcando o destino. A mata aceitava sombreios no rio. Descaindo o Purus, corredeira desabrida. A luz dos faróis alumiando as barrancas. (p.31)[...] Vapor, lancha, regatão, rio acima, rio abaixo. Cortando paranás, furos, vazando lagos, igarapés, tudo força da borracha. A lenha da caldeira, a compra da embarcação, o carrego, ganho tirado do suor do produto. Suor de seringueiro, os padecidos da árvore no corte. Aquele escorrer melado das pélas, o pixé de fumaça, o feder a suor. Que mais há de ser? Sangue de seringueiro. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.38)

Em ambos os textos, sob as finas e invisíveis camadas porosas que separa o homem da natureza que o cerca, está à simbiótica relação entre a vida do homem e seu meio.

> No agasalhar da bondade do sertão, no tudo criar com chuva caindo. Das caatingas, um nunca não esquecer. As casas de barro, chão batida, terra seca. Já "no mundão aguado de terra, encharcado medonho, cristão nenhum tem vida alongada." Moradia em casa de palha, soalho de paxiúba, coberta distoriada. "Terreiro de nada à ilharga, molhadeiro de inverno a verão. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.35)

Quanto à paisagem, se a primeira remete a uma visão longínqua de um horizonte a descoberto. "O vulto das serras crescendo naqueles lá de distância". Ou seja, possibilita o pensar em uma superficialidade que expõe as vidas e as mortes, por restos de ossos a descobertos, e aponta para um desejo futuro; a outra esconde nas profundezas dos rios e das matas e das "noites mais escuras que lá", os inimigos como as onças, os índios que "comiam os brabos nas flechas", a cobra grande e as doenças trazidas pelos mosquitos, que fazem da morte companheira constante e que reduz os sonhos não mais a um horizonte perceptível, mas a compreensão que sobreviver significa reaprender a adaptar-se o mais rápido possível a esta nova epiderme que exige estratégias sinuosas como os rios as quais Marcelino ao longo de todo o romance vai incorporando. Da pele grossa do homem macho do sertão a uma nova epiderme ainda sensível em demasia a sentir nas entranhas, a dor pela saudade da secura de onde partiu e as incertezas do alagado para onde foi.

Mas o homem também ao agir sobre as coisas que compõe a natureza biológica que forma as matas também modifica suas epidermes. Como símbolo dialético destas dinâmicas de reações e relações homem e natureza (Marx,1987) se pode pensar nas seringueiras ou árvore-da-borracha.[3]Miller (2010) situa esta questão em um processo dinâmico onde sujeitos e coisas produzem simultaneamente modificações entre si. Partindo de sua teoria da cultura material posso pensar que os homens e as matas dos seringais produziram o tempo da borracha do Amazonas.

A seringueira como um ente vivo é socializada e explorada pelos interesses econômicos dentro de uma nova trama econômica que propõe remodelar o novo mundo.

> Sangue de seringueiro. Patrões arrancando saldo nos costados dos homens. O aguaceiro escorrendo na cara, carnes sofridas, deixando restados de vida no tronco. "a condenada tem seu valor, nascido do sangue, suor, das malvadezas, dos males, do padecer do aviado. Dizer-se o baque das máquinas, as embarcações fumegando, lamento da seringueira. Queixumes da árvore agravada pelos mutás. Ferida lá bem a riba do tronco, a um triz chegar à galhada. De morrer bocado delas, ressentida dos maus-tratos do homem. Este ano, então, é cortar, o mais cortar. Sugar tudo que o pau der de leite. Dinheiro correr à vontade, seringueiro sair da miséria[...] (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.38)

O trecho acima é revelador quanto às duas premissas que demarcam, mesmo que de maneira falaciosa, a dicotomia homem e natureza: A primeira que o homem possui supremacia sobre os valores das coisas que o cercam. O romance inteiro desvela esta falácia, mas isto não impede que os interesses econômicos recriem continuamente o antropocentrismo. Este antropocentrismo tão bem construído nos valores sacralizados como universais do cristianismo e que bem serviu aos interesses econômicos mercantilistas e capitalistas. A segunda, imaginando as riquezas naturais inesgotáveis como inesgotáveis também seria a crença na capacidade de enriquecimento a partir de uma vontade individual capaz de superar as malhas que compõem a realidade social da economia baseada na exploração e na escravidão. Em sua incapacidade de enxergar o horizonte no fim das florestas o homem ainda se imagina senhor e a natureza eterna.

Marcelino, homem do sertão, mas sensível ao que lhe cerca, vê a seringueira como igual. Apesar de muito distante das teorias marxistas, percebe que seringueira e ele são escravos de um mundo que todos os dias lhe mudam a sua condição corpórea o que lhe causa um sutil estranhamento. Estranhamento tão bem refletido por Marx quando da imersão do homem no imperativo do ter e parte de um processo econômico que o destitui de qualquer lugar:

> Sob a aparência de um reconhecimento do homem, a economia política, cujo princípio é o trabalho, é muito mais a consequente negação do homem, na medida em que ele próprio não se encontra em uma tensão exterior com a essência exterior da propriedade privada, mas sim se torna a essência tensa da propriedade privada. O que antes era *ser-exterior-a-si,* exteriorização real do homem, converteu-se apenas no fato da exteriorização, em estranhamento. (Marx, 1987, p.170, grifo meu).

Para Marcelino, a seringueira e ele, ambos estão presos a um destino cuja única chance de sobreviver deve-se a sorte. Mas será que é assim?

> Mas os acidentes da sorte são múltiplos e seu grau de magnitude é variável; embora fragmentos de boa sorte e também de infortúnio decerto não alterem todo o curso da existência, grandes e reiterados eventos que acabam por ser sucesso tornarão a vida mais bem-aventurada, pois não só são eles próprios tais que adicionam beleza à vida, como também a forma pela qual são utilizados pode ser nobre e boa, ao passo que grandes e frequentes reveses podem esmagar e arruinar nossa felicidade tanto pelo sofrimento que causam quanto pela obstrução que oferecem a muitas atividades.[4](Aristóteles, 2009)

de fatos o período em que se deu a maior transumância para a região do amazonas.

3 Seringueira popular da Hevea brasiliensis da família Euphorbiaceae. Árvore que pode atingir até 30 metros de altura e entre 30 a 60cm de largura no tronco. O látex é extraído da casca da árvore quando a mesma já possui sete anos no período de março a junho.

4 Ver ARISTÓTELES 2009, p.58.

Nesta relação de peles, vale citar como referência as reflexões de Silveira e Filho (2005) que seguindo o pensamento de Bachelard e Leroir-Gourhan[5], entre outros, situa o objeto como parte constitutiva da própria construção mental do homem e que o leva a rememorar e criar novas possibilidades do presente, não ampliando as distâncias entre técnicas, coisas e natureza. Assim, homem, natureza, coisas em síntese o mundo convergem para um lugar de pertencimento sempre em movimento.

As coisas e a construção social da escravidão em Cassianã

> Talvez o problema do acaso seja mesmo um equívoco - comentou Markovic em tom desenvolto- É o acaso que deixa rastros dos animais na neve?.. De qualquer maneira, depois de iniciado o processo, a conjunção de acasos e de circunstâncias inevitáveis torna-se complexa demais. Não acha?...(Arturo Perez Reverte, O pintor de Batalhas, 2006)

No romance não existe apenas um estranhamento causado por modelos de sistemas econômicos (mercantilismo, fisiocracia, capitalismo), mas vários estranhamentos que se modificam à medida que se modificam o que Bourdieu (1989) denominou por *habitus*[6] Outro conceito importante que será tratado adiante será o da *alienação* e sua fundamentação marxista. Ambos possibilitam se pensar alguns aspectos da construção da escravidão dos seringais e do mundo que rodeia Marcelino.

O conceito de *habitus* vem do conceito grego *héxis* relacionado a uma tendência e, segundo Bourdieu (1989), ele já se encontra delineado no texto de Aristóteles quando dissocia da virtude qualquer ação da natureza. Bourdieu faz um paralelo entre o conceito de *habitus* ao de ethos utilizado por Hegel na busca de se fugir a uma moral do dever (relacionada ao dualismo Kantiano) e de reintroduzir as disposições duradouras de uma "moral realizada" (Sittlichkeit). O autor também se refere a noção de Habitualität de Husserl para sair de uma filosofia da consciência reintroduzindo como em Heidegger e Merleau-Ponty uma relação ontológica com o mundo e cita Mauss (1974) e o reconhecimento da dimensão corporal (postura) para se referir ao funcionamento do corpo socializado. O autor também situa a importância do conceito de campo compreendido como conjuntura ou contexto e como este interage e demarca o que ele denominou por *habitus.* (Bourdieu, 1985).

De acordo com Setton (2002) *habitus* é uma noção que auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente e ora inconsciente que forma uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazer escolhas. *Habitus* então poderia ser pensado como uma matriz de esquemas híbridos que tenderia a ser acionado conforme o contexto de produção e realização. Para a autora, o principio que funda o conceito de *habitus* é o da relação dialética entre a conjuntura e os sistemas de disposições individuais em processo de interação constante com as estruturas. Assim a perspectiva histórica e interpenetração entre passado, presente (trajetória) e futuro (devir) são dimensões constitutivas dos *habitus* individuais.(Setton, 2002).

Este conceito de *habitus* será central para se compreender o quanto as pretensas estruturas totalizantes sejam econômicas ou sociais não conseguem mesmo com todo seu poder eliminar uma constante possibilidade de recriação das realidades de cada um daqueles seringueiros. Talvez seja, o que muitas vezes, entre eles se traduziu como esperança já que são infinitas as possibilidades de relações homem/social/meio. É amparado neste conceito que Marcelino e os imigrantes amazônicos ou Markovic na Bósnia tangenciam nos romances suas dores e recomeçam suas vidas cotidianamente.

Ao se analisar a trajetória (passado, presente e futuro) de Marcelino e Markovic, eles vão se utilizar de suas predisposições ou potenciais que se construíram nas suas antigas inserções sociais para flexibilizá-las dando-lhes chances de sobreviver a um presente desconhecido que se constrói em contextos que lhes são desconhecidos: os seringais e a guerra. A necessidade de um novo "enquadramento" permite a Marcelino se pensar no contexto de um homem amazônico tendo como sua nova epiderme a busca da identidade do homem seringueiro. Sua subjetividade que vai sendo costurada junto as dinâmicas vividas na concretude de Cassianã e os seus arredores lhe forja novas crenças, ampliando suas percepções, o que lhe permite reconstruir suas escalas de valores. De certa forma molda sua adaptação. Será o domínio de novas habilidades, percepções e no conjunto de seus conhecimentos acumulados e transformados que estarão suas chances de permanecer ali, vivo mesmo como escravo. Sua forma de existência será mais um ramo que dissemina e justifica diariamente as assimetrias de poder que ali impera, permitindo assim a continuidade desta forma de estruturação de trabalho e de poder.

Não há, segundo a compreensão do conceito de *habitus*, como separar os homens Marcelinos e Markovics dos coronéis e de Faulques, dos seringais e das guerras, pois, eles são as argilas moldadas das estruturas sociais que os cercam. Neste sentido, personagens e enredos ou tramas são inseparáveis e as fronteiras subjetivas e os contextos sendo porosos permitem que interior e exterior se dissolvam e recriem novas matrizes de ações circunscritas ao campo das trocas de experiências vivenciadas. Não é sem razão que em muitos momentos Marcelino tem a compreensão de que sua ação é 'destino de seringueiro'. Destino compartilhado pelas identidades e estilos de vida dos outros seringueiros de Cassianã.
Marcelino e Markovic insinuam no seu estranhamento que não pode ser natural esta opressão que lhes rouba a condição humana, mas ao mesmo tempo por não compreenderem as razões que levam a tanta violência a naturalizam como própria da humanidade e não em tecido cuja trama diz respeito a um modelo econômico e social construído. O que os leva a refletir sobre isto está nas suas memórias de tempos diferentes vividos em um passado, onde se consideravam livres.

O círculo destas experiências de assimetrias e violência será rompido parcialmente na resolução pessoal dos problemas que de alguma forma arranham seus contextos sem de fato modifica-los estruturalmente. No caso de Marcelino na possibilidade real da morte do coronel. No caso de Markovic no aviso deste para Faulques de que irá matá-lo. Nestas decisões e na busca de uma ação está presente o problema do ethos hegeliano que permita um sentido para ação. O que fazer? Como legitimar esta ação? A questão do *habitus* e do ethos hegeliano se apresenta mais explícito na fala de Marcelino quando de sua estranheza as atitudes de seus irmãos para com ele. Esta atitude fria e violenta que lhe parece desvinculada de todas as aprendizagens familiares passadas são lhes obscuras até quando no devir (futuro) lhe será revelada como escolha estratégica para se tentar modificar o sistema opressor, neste romance, encarnado na figura de Macário, coronel do seringal. Tudo lhe envolve como uma bruma permanente que não lhe permite a racionalidade para compreensão dos fatos.

5 PARENTE, Diego. Técnica y naturaliza e Leroi-Gouhran: Limites y naturalización de lo artificial.2007,p.157.

6 *Habitus* sistema de esquemas individuais socialmente constituídos de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes) adquirido nas e pelas experiências. Isto significa que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente social e coletivamente orquestrados. *Habitus* é um investimento conceitual que auxilia a apreender certa homogeneidade nas disposições, nos gestos e preferências de grupos e/ou indivíduos produto de uma mesma trajetória social (Setton, 2002,p.4 e 5)

Esta perspectiva antropológica a comparo a sensação estética que o padre Sanchez Ribera fala a Garaudy (1996) sobre sua vertigem diante da pintura das *Montanhas na primavera de KouHsi*.[7] Neste quadro, diz ele: Todas as coisas enlaçam-se em brumas e aguadas mais ou menos intensas, redemoinhos negros de uma fumaça de incêndio. O homem fala desta paisagem como se ele narrasse sua própria vida.

Miller (2010) na sua discussão de sua teoria da cultura material nos explica também que coisas não são coisas individuais ou isoladas, mas todos os sistemas de coisas com suas ordens internas que nos faz como somos. De certa forma é nas configurações destas diversas interpretações teóricas que a obra de Paulo Jacob nos oferece em forma de romance a complexidade da vida dos seringais.

O conceito de alienação se fundamenta a partir da análise Marxista presente em seus Manuscritos Filosóficos. Ele nos remete à longa história de construções de Marcelinos, Markovics. É na sua reflexão da relação capital, humano e da propriedade privada que ele amplia a compreensão de um poder econômico que a tudo aliena em seu nome: o homem se aliena a partir de sua desumanização e sua desnaturalização, ou seja, se aliena de si mesmo, da natureza e da suas criações. Ela é vista "como um estranhamento e perda de consciência." A alienação parece tanto no fato de que *m*eu meio de vida é de *outro*, que meu desejo é a posse inacessível *do outro*, como no fato que cada coisa é *outra* que ela mesma, que minha atividade é que finalmente (e isto é válido também para o capital) domina em geral o poder desumano.[...](Marx, 1987,188)

De acordo com Barros (2011, p14), Marx já apontava para as diversas alienações que acometia ao homem e o levava a uma espécie de sono, do qual não conseguia despertar.

> Estas alienações que se manifestam na religião, família, Estado, direito, moral, ciência, arte etc. estão vinculadas a apropriação do homem por uma economia que tem como fundamento a propriedade privada e na mais são do que modos particulares de produção. Mas, segundo Marx, é a alienação econômica que afasta o homem de sua vida efetiva. Estas alienações afastam do homem a percepção que sua essência humana da natureza não existe senão para o homem social, pois apenas na relação de um para com o outro e o modo de vida do outro para com ele como elemento de efetividade, só assim existe como fundamento de seu próprio modo de existência humano (Marx, 1987,175).

Marcelino vive e é o incômodo de sua alienação forçada pelas condições em que se encontra dentro do sistema capitalista do ciclo da borracha. A suas percepções de um semiescravo são reforçadas por Furtado ao analisar o ciclo econômico da borracha e a situação do nordestino na Amazônia:

A situação do nordestino começava sempre a trabalhar endividado, pois obrigavam-no a reembolsar os gastos da viagem ou parte deles com os instrumentos de trabalho e outras despesas de instalação. Para alimentar-se dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o empresário com o qual estava endividado e lhe comprava o produto. As grandes distâncias e a precariedade de sua situação financeira, reduziam-no a um regime de servidão. Entre as longas caminhadas na floresta e a solidão das barracas rudimentares, esgotava-se sua vida, num isolamento que talvez nenhum outro sistema econômico haja imposto ao homem. (Furtado, 1959)

Quando Marcelino e seu irmão Sabino fogem da seca, do seu amado sertão, da Paraíba, eles são mesmo que por uma "escolha", brutalmente arrancados de seus hábitos ou *do modus vivendis* de homem nordestino. Todas suas referências de vida, suas coisas, suas relações afetivas, sociais e de vizinhanças são rompidas e eles se vêm subitamente "sem chão". Nada mais emblemático do que as observações de Marcelino com sua linguagem criativa na sua forma de tentar incorporar as palavras os sons, as emoções, o movimento, sobre os rostos daqueles homens ao sair do vapor do cais:

> O vapor deu de marcha, o cais alongou-se. Andar aí uns escassos de metros, a cidade sumir-se, o luzeiro apagar-se. Ter de ver muita lágrima, seu menino. Noite mergulhada nos sofridos da gente. O vento do mar enchendo o vapor, bubuiando o cheiro da terra. O ficar das caatingas distantes. Nuns poucos de minutos, ainda se ver um alegrado no rosto. Esperançado em voltar. Outros nem isso. Os magoados dos para sempre viver em paragem alheia. No após mais, a ajeitação dos sacos, baús, o agasalhar dos animais. Terém de toda espécie. Montoeira de gente atirada no convés de terceira. Risos, só nos de vascos sentir, os de pensarem em trazer dinheiro. No mais, a quieteza, o vago por dentro. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.35)

A partir das coisas, Marcelino ao rememorar sua vida na caatinga nos ilustra, mesmo que em fragmentos, todo o universo que cercava o seu cotidiano junto à sua família e sua comunidade na caatinga. Estas coisas que se tornam presenças ao longo do romance sejam em lembranças ou em reminiscências de hábitos, muito diz sobre a dimensão do que significou para ele a perda de seu sentido de pertencimento:

> Correr terra afora, subir nos abeirados da serra, pular água no açude. Mãe e pai a cuidar dos sustentos dos filhos. Tirar leite das cabras, dar de comer ao mais novo. Casa de barro, chão batido lustroso, varrido a capricho. De confronto ao alpendre, o juazeiro, crescendo com a gente. Sem a seca, o canto de grilo, sapo, rã... (p.46). Nas relações familiares, nada mais importante que as lições de sua mãe: Irmão é irmão, nada de briga. Brincar junto, o que é de um é de outro. Pai é quem compra. O de comer, o de viver. Tudo tirado do serviço da roça, do cultivo da terra. Quando brigava ficava no ralho, nada de bater. Ameaços de o fazer, o que nem o fazia. De quando pai morreu o de mais pior. Era os cuidar de roça, dos que fazer em casa. Dia inteiro neste ser viçados. Dava-se das vezes, dalguns adjutórios. Juntar gravetos, busculhos aí de tiquinhos. Arrumar nos encoivarados, tocar fogo. Disso gostar curumim. Ver as labaredas subindo, o fumaceiro espalhado, o calor se alastrando.. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.318)

Outro trecho revelador da sua forte intimidade no trato com seu ambiente é sua descrição do seu terreno: "O cagador do terreiro, a carnaubeira deconfronte a casa embarrada... O vento assoprando no alpendre, lugar de dormida do pai nas tardes encalouradas. A folhagem acenando, a gente escutando, entendendo o segredo das árvores". (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002 p.89)

Nestes pequenos atos de rememorar, Marcelino nos apresenta a outra paisagem que durantes anos compuseram sua identidade. Esta que lhe parecia tão permanente e tão privativa, familiar e íntima vai aos poucos sendo transformada em seu novo contexto.

A paisagem é marcada pela presença do rio Purus:

> Paragem bonita esse Cassianã. Nas águas grandes, o Purus chegar ao barracão. Enxurro de rio, desabo das nuvens. Crescido de água, terreiro barroso, Purus mais toldado. No detrás algumas fruteiras. Logo em vante, o escampado. Árvore mesmo, só essa uma, o cumaruzeiro. Planura de terra. Açaizeiros, dalguns. O mais é inajá, babaçu. Palmeiras linheiras. Cassianã cercada por confins de terras gerais. Terras do Ituxi, cabeceiras do Uaquiri, parajens de grandes lonjuras. Brendões centrais, distantes findados de terra. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002 p.67;80)

7 Esta passagem é muito interessante porque está associada a vida do shintoísmo que relaciona de forma viva todas as coisas.

> Entre as coisas que sutilmente vão lhe modificando estão os alimentos que podem ser aviados dentro do seringal: leite nem pensar é luxo para seringueiro. Quando muito para curar leite do Amapá. Farinha, pirarucu, tabaco, cachaça. Esta vista como remédio bom.

Mas nada modifica mais significativo a visão de vida de Marcelino do que estreita percepção da morte que ronda a vida no seringal a todo o instante:

> "Findar nos aflitivos de bem nem como se sabe. Dessas demais acontecer no seringal. Morrido por de calhar, malditoso coisinha. Derréia, sezão, defluxeira. Defluxo, então, doeceira acabante. A morte espreita seringueiro a todo instante. Arrocho de sucuruji, apanhado de jacaré, piraíba. De repente o desaparecimento. Os diversos tipos de adversidade os torna pressuroso. "A seca já não apavora mais ninguém".

A todo instante Marcelino carrega consigo a sua crença, sua fé em Deus. No entanto, cada vez mais, mesmo sendo homem acostumado às rudezas da vida começa a sentir o incômodo daquilo que Pascal tão bem considerou como o verdadeiro elemento da existência humana: a contradição.

O escritor Arturo Pérez (2006), em seu romance o Pintor de Batalhas, também, nos fala sobre as circunstâncias limites que faz do homem seja este um europeu, um caboclo, um árabe ou um nordestino a rememorar para sobreviver em contextos de tantas incertezas. No caso dele, a guerra da Bósnia. No caso de Marcelino, aos seringais e suas leis. Markovic, personagem de Perez nos diz: "Sobreviver ao que quer que seja, especialmente à guerra, era uma boa escola. Obrigava a pessoa a se voltar para si mesma e oferecia um modo de olhar".

Mas que novo olhar era este que Marcelino experenciava? Ouso a dizer que primeiro no reconhecimento de sua identidade como nordestina, inclusive levando-o a menosprezar o caboclo da terra e ao índio: Pai, mãe, índio apurinã… Índio é lá bicho que se crie. Uns pestes de só gostar de perversidade. Tem mais é preguiça. Pessoal indolente. Roubar não achava que era […](p.66)

> […] aviar farinha, querosene, pirarucu, bala… Tirar o de pagar o gasto. Das vezes aventurar no marisco. Acontecendo arpoar um pirarucu deixar de ir ao corte, descanso de dias. A mulher de encostada na rede, o corpo amornando. O café aquentando no fogo. Mas gente do sertão se dar a preço. Dessas de só trepar com a mulher, não de faz. De somente fazer filho. Serviço de cabra safado dessas bandas, de vivência na muita preguiça. Gente pançuda, empambada, barriga infestada de verme. Aviou o de mais precisão, cachaça no meio, bota-se há dormir o dia inteiro. Só trata novamente a vida, após o rancho acabar. É como digo. Caboclo é filho da puta… Isto mesmo está dito. O pessoal daqui só presta para beber cachaça. Viver escanchado nos quartos da mulher. Filho aí todo ano. Criado nos maiores padeceres, curtindo fome. O pai aí à ilharga, espichado na rede, amornando. Pé na parede, cigarro babado na boca. Naquela preguiceira danada… Caboclo é lá gente que se preze. Não fosse os cabras bom do Nordeste, Manaus não era o que é. Beleza de capital. Tudo trabalho do nordestino no colher da borracha[…] (JACOB, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002 p.67;80p.61)

O segundo novo olhar, Marcelino o faz dando-se conta daquilo que antes naturalizado, agora lhe torna caro porque parte extensiva de sua corporeidade que lhe permite, inclusive, re-criar o ambiente mais próximo daquele distante rememorado: Sua família. A sua mulher, Maria de Luz, ex-puta que exigiu casamento de véu e grinalda. Mulher desbocada, no arregaço de toda mulher com o marido. Cuida bem dos ajeites de casa, lava roupa, limpa o terreiro… É dos grandes servir o marido. Como sua mãe, ano transato, deu por demais adjutórios no corte. Dava ademão no defumador da borracha, acendia o fumeiro, juntava urucuri. Numa coisa e outra, os sempre ajudar. Da vez do derreio da sezão, não fosse ela?

Em toda a narrativa familiar seja do sertão ou do seringal, a divisão social e sexual do trabalho e, sobretudo, o saber da mulher no tratamento das doenças do seringal: chás para cortar a doença; na convalescência da febre, no todo instante, leite-de-amapá.[8]Mas Maria da Luz vai morrer quando uma tromba d'água tudo arrasta. Marcelino irá lamentar o seu desaparecimento sem rastro. Nem ao menos o corpo para chorar ou enterrar. Lugar de tristeza sem igual. Seus dois filhos, Zinho que morre devido ao cezão. "finda na febre, quebranto, ventre caído, derreia, ramo-de-ar, coisas de menos importância." A outra uma menina, Dora, vai morrer, escabrichada pelos cabras ao servirem-se dela, assim como seu irmão Sabino, que quebrou o encanto de corpo fechado quando se deixou enrabichar por mulher. Tudo aconteceu quando o começo da mudança no Cassianã, ou seja: da vida de semiescravidão durante o mando do coronel Anastácio Trajano para o de escravidão total sob o jugo de um nordestino cearense e ex-empregado de Trajano, Macário Gomes.

Na destruição total de seus referenciais familiares, como ele mesmo diz: "os aderentes morridos", Marcelino vai se vê vazio, desorientado e de certa forma pronto para desfazer-se de vez da sua última pele que o ligava ao Marcelino do agreste. Isto ocorre quando se vê obrigado pelo novo e cruel dono do Cassianã a executar como um dos seus castigos, as tarefas que mais desprezava enquanto marca de sua virilidade de homem: fazer trabalho doméstico e cuidar das coisas que o caracteriza: "Tomar serviço de cozinha. Ajudar nessas lidanças de fêmea, abanar o fogo, arear panela, torar lenha… servir a Tonsila, a cozinheira, carregar água…"

Sobra-lhe como membro da família e companhia, Tubarão. O cachorro agora não o largava. Era mais o dono para todos os cantos. Na roçagem do campo, debaixo da rede, nas horas de volta para casa. Animal afeiçoado. Na janta quando se tinha ficava a ilharga do prato. Olhos em riba, no aguardo aos de comer. Botasse o bocado lá dele, alegrança de rabo. Cachorro bom, nos ter até sentimentos. Foi de uivar na morte de filha.

Nada parece diluir mais a diferença entre o homem e o cão, Tubarão, no olhar de Marcelino do que os dois irem gradativamente "desesquecendo" a crueldade dos últimos acontecimentos com a morte de Dora. Ou seja, o cachorro ao uivar a morte da filha, farejar a procura da cunhantã, ir à sepultura da falecida e deixar os arranhados por cima e soltar uivos agourentos vivenciava a dor que já não era só dele. "Era dos companheiros restados dos padeceres".

O terceiro novo olhar recai sobre as mudanças que se operaram no Cassianã a partir da última batalha entre o coronel Anastácio Trajano dono do Cassianã e seu ex empregado Macário Gomes, o qual por um golpe, assassinatos, suborno de advogados consegue a posse da fazenda. Para retratar a percepção da mudança ele pensa nas antigas festas no fim de fabrico quando o coronel Trajano comemorava junto aos seus empregados:

> Boquinha da noite. Animação era grande. Cachaça, beber de estragar. Mais de sessenta homens. Salão apertado. Montoeira de rifles nos cantos da casa, apinhados de bala.Nega Juvência mais a filha Adelina, as únicas fêmeas. Cunhatã bem nova, a mal chegar nos onze anos. Mas acesume era ali, seu menino. Meninas viçando para macho. Festa de seringueiro a esse modo. Mulher no seringal coisa escassa. Uma ou outra pro gasto. E vigie-se! Dançar macho com macho, a alegração não findar. Direito se tinha o isso fazer.

8 leite-do-amapá é um tipo de látex retirado de árvore usado para tratamento pelos nativos em doenças respiratórias como asma e bronquite. Pesquisas recentes comprovaram o efeito fitoterápico deste leite.

> Uma parte com Nega Juvência, outra mais Adelina. Duas fêmeas a servir sessenta cabras. Um esperar e tanto a dama desocupar. Mas se dançava sim senhor. Macho com macho agarrado, no bater noite inteira. Diversão de muito alegrado, começo do fabrico. Salvas de balas de nem quase acabar. Dinheiro queimado, atirado fora, a borracha pagava. Berreiro desabrido, viva disso e daquilo… Toca dessas bem bonitas companheiro. O pessoal quer se adivertir. Leva mano! Dessas de dançar avexadinho. Daquelas de tuas sabenças de puxar sanfona, nos dolorido tocar… […] Foi de amanhecer a brincadeira, o pessoal sem querer acabar. Quando se deu conta, bem-te-vi piripiri já cantava. A barra do dia crescia na mata. O nevoeiro (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.63)

Aqui, Marcelino, nos aponta uma bela compactação entre os diversos sentidos. Ver e escutar, memória e identidade, passado e presente perfilando simultaneamente em um lampejo do seu corpo consciente

> […]o cantador do sertão, naqueles perdidos de terras sem-fim. Nos apés, montado no cavalo, a sanfona à ilharga. Viver nessas andanças, serenando noites de lua. O clareie descampando as caatingas. Lonjura distante, o escutar-se. Os melodiosos da bicha, distância sentida. Naquelas horas, instantes talvez. Bagos de lágrimas batidos na terra[…] Mas tudo se foi seu menino. No beber de bastante cachaça, magôos desesquecidos. Entrar na brincadeira[…]

Nos dois trechos acima, dois animais lhe trazem de volta a realidade da Amazônia: o pássaro, mas, sobretudo, a cobra surucucu que estava no caminho de sua casa. "De viu gente enrodilhou. Achar-se assim que não de quis fazer mal. Picar do que viu. Ficou de olhando para fora, entrada de buraco de paca." (p.63)

Também festa de Santa Luzia:

> […] festança bonita, bebida então, quantioza de repugnar cabra avezado no álcool. Coronel fez seus devotamentos com Santa Luzia. Mandou de erguer um mastro, um tamanhão, `a riba da terra. Nuns enfeitados só visto. Flores, bandeira, mato de toda a qualidade em derredor. Melancia, banana, abacate, abacaxi… Da parecença mesmo de frutificar, época dos enfartados de frutos. No final da festa, a derrubada com a diversão de todos ao apanhar isto ou aquilo do mastro. As frutas largadas aos pedaços nas mãos de uns e de outros. Festa do Cassianã, findados de safra, acontecidos por tantos falados naquelas paragens. Chegava gente de todos os lugares, querente entrar nos festejos. Havia quem remasse três, quatro dias, mas evinha assistir. Patrão nem se importava, queria era disso mesmo, a maior alegria… Desse lembrado ter-se boa memória, a cabeça nunca se deu a falhar. Festança bonita fins de fabrico no Cassianã. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002 p.132)[…]
>
> Eram três dias interados, o pau desgalhando. Fartança de um tudo, bebida a valer. Os bebidos derreiados no terreiro, falando besteira. Seu Coronel Trajano nem de ficava zangado. Só de exigia bastante respeito, nada de desabusamentos. (p.344)

No período de escravidão do coronel Macário, o começo do fabrico é demarcado por um triste silêncio que reina no Cassianã e no seu "trabalho de fêmea":

> Nas canseiras de trabalho de fêmea, saldo o nunca se ver. Serviceira de garantir somente o sustento. Ainda sem poder respostar má-criação a empregada. Fosse falar, comia de castigo no tronco. Ah filha da puta! Patrão quando acolheu pessoal do Coronel Anastácio foi querendo sujicar nos maus-tratos. Deus está vendo os doídos de seringueiro. Coronel um dia há de pagar. Nem num, nem outros, fim de fabrico chegado sem as alegrias de antes Cassianã. Passou-se e passou-se. Saldo, dinheiro, bebedeira, festão noite adentro, amanhecendo dia. Também no dia de Santa Luzia, antes a maior festança. Agora de nada tinha. No dizer dele, festa negócio de cabra safado, preguiçoso, sem os de ter de cuidar. Foi até demais entristecido. Nevoeiro baixo roçando a cabeça da mata. De galo cantar nos seus afinados de voz, batendo estirões de terra. Escassos latir de cachrro, correndo as beiradas, buliçando distante o sossego. JACOB, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002p.287)
>
> Hoje, o Cassianã é vê cemitério, de nem violão se escutar. Terreiro quieto, tristonho. Nos acercados do barracão, isolamento dernasàs quatro da tarde. É de proibido até atracação de vapor. …(p.344)

A palavra nevoeiro não só aparece no texto e na narrativa de Marcelino como um fenômeno físico e climático, mas, sobretudo, como uma metáfora de seu próprio estado de espírito materializado em seu corpo alquebrado, cansado e vazio e das suas memórias cada vez mais vagas porque carentes de coisas que o cercasse.

Neste sentido também, o personagem Faulques do romancista Peréz-Reverte, em *O Pintor de batalha* se misturaa Marcelino e seu nevoeiro, pois diz:

> "[…] são sutis e bem estranhos, pensava os laços que podem estabelecer entre coisas aparentemente desconexas: pinturas, palavras, lembranças, horror. Parecia que todo o caos do mundo, semeado ao léu sobre a terra pelo capricho de deuses bêbados ou imbecis – ou de acasos sem piedade, pudesse de repente ser ordenado, transformando num conjunto de proporções precisas, pela cifra de uma imagem insuspeitada (neste caso, o nevoeiro), uma palavra à-toa, um sentimento, um quadro contemplado junto a uma mulher morta dez anos antes, agora recordado e repintado à luz de uma biografia diferente da de quem o concebera. De um olhar que talvez o enriquecia e o explicava." [9]

Como emparedar os nevoeiros que nos remetem a tantos passados e nos conectam a presentes? Também este nevoeiro está no quadro das Montanhas na primavera, já citado anteriormente por Garaudy na explicação de Ribera: "as perspectivas, aqui, são múltiplas, como em um sonho em que estaria situado, ora sobre o cume, ora em um vale. Todas as coisas se enlaçam em brumas e aguadas mais ou menos intensas, redemoinhos negros de uma fumaça de incêndio."Ou nas reflexões de Olvido, namorada de Faulques no romance de Pérez-Reverte: "Quanto à opção de fotografar coisas e não pessoas, ele quase nunca a viu focar algo vivo. A verdade está nas coisas e não em nós, dizia. Mas precisa de nós para se manifestar… (Perez-Reverte, 2006)

Não, Olvido a verdade, a meu ver não estão nas coisas ou pessoas. Ela é como um nevoeiro, uma névoa que envolve tudo ao seu redor. A verdade? Que tipo coisa e esta que vivemos a perguntar? Divaguei é verdade. Quem sabe em outro texto caberia esta reflexão.

O nevoeiro como a marca amarga da escravidão que a tudo encoberta e a tudo destrói lentamente até desfazer-se por completo na rotina do dia que recomeça a vida. Paulo Jacob assim nos situa este círculo da vida e coisas:

> Do coito de homem, vida nascendo, os animais outros criando. Vadiação de vivência que o mundo ensinou. Pela janela, o ar cheiroso da mata, pixé degozo exalando. Cheiro de terra gerais orvalhadas, neblina da noite. De como coisa, a vida atiçando vida. Nascida na cama, na rede, no chão, onde desse o fazer. Homens, mulheres, cunhas, curumins, bichos de todos os jeitos aparecidos na Terra. Saídos de pouca vergonha, nos de todos cometer safadezas. Nos molhados da carne, nos pingado da coisa. Aos anoitares, o mais disso se da. Quieteza buliçada em gemidos.

9 O personagem Faulques, um fotógrafo de guerra, faz esta reflexão quando a mão de sua amada o toca durante a sua observação de num afresco de Oroscopintado no teto do hospício Cabanãs, em Guadalajara.

> Ameigados de homem, mulher, os embrutecidos dos bichos.
>
> Tudo se seguindo o mesmo destino, Matar, morrer, criar, povoar centros. Espalhar gente, estirões distantes das terras. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.340)

O distanciamento da morada do senhor: o medo e a escravidão

> "Nosso mundo fabrica escombros em vez de ruínas e, assim que pode, passa um trator e some com tudo, disposto a esquecer. As ruínas pertubam, incomodam. E claro, sem livros de pedra para ler o futuro, de repente nos vemos na margem, com um pé no barco e sem uma moeda no bolso para Caronte." (Perez-Reverte, O pintor de Batalhas,p.128)

As moradas nos falam sobre as pessoas que as habitam e se relacionam como Miller (2010, p.122) nos diz com o poder. Em Cassianã esta relação não se difere da realidade do sertão. Porém, para Marcelino, cada senhor dá a "casa grande" suas marcas. Assim Coronel Trajano não era indiferente a presença dos cabras em sua casa. Ele poderia ali se apresentar quando chamado, mas sempre arrumado. Já Macário Gomes, até piano pôs ali,e proibia a presença mesmo no alpendre do cabra.

> O Cassianã desmudando do que era. Dumas até melhorias, parte morada lá dele patrão. Grandes arejar de limpeza, soalho luzidio, bem encerado, das espelhações refletir. Mulher não podia nem passar, sem os debaixo cobrir.O proibir entrada de seringueiros, a primeira da coisa. Necessitando falar com o patrão, era só no pé da escada. E isso com bastante respeito, mãos no detrás da costa, sem chapéu na cabeça (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,244)

As roupas dos seringueiros cada dia mais rotas enquanto a do Coronel Macário seguia a moda europeia da cidade de Manaus, mesmo com seu calor insuportável: Fraque, cartola, bengala… Nunca de aparecia a ninguém mal preparado. …Roupa barata, tecido de carregação, isso de não usava. Sempre com roupas finas, tudo importado da estranja.

Euclides da Cunha em suas cartas já observava em Manaus esta discrepância:

> O crescimento abrupto levantou-se de chofre fazendo que trouxesse, aqui, ali,salteadamente entre as roupagens civilizadoras, os restos das tangas esfiapadas dos tapuios. Cidade meio caipira, meio europeia, onde o tejupar se achata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do ianque espigado… o seringueiro achamboado a impressão que ela nos incute é a de uma maloca transformada em Gand […] (Ribeiro, 2006,154)

O regulamento do seringal não era como antes. E nem podia. A escravidão retira qualquer aproximação coronel e seringueiros, senhor e escravos. Segundo Hegel[10](1989) o estado do senhor e de escravos impede qualquer tipo de liberdade, e nesta atmosfera de despotismo, o medo constitui categoria dominante. Neste sentido, o homem que vive com medo e o que domina os homens por meio do medo, estão ambos no mesmo nível; a diferença consiste apenas na maior energia da vontade que pode chegar a sacrificar todo o finito a um fim particular. O déspota ou o senhor realiza todos os seus caprichos e faz o bem, não como lei, mas como arbítrio seu; da passividade de vontade, na escravidão passa-se, no campo prático, à energia da vontade, mas também esta não é mais do que *arbítrio*.

É exatamente este arbítrio do poder sobre as coisas e sobre a vida, a corporeidade dos seringueiros que o coronel Macário Gomes vai exercer seus desejos e prazeres sádicos. Seringueiro vivia nos careceres de tudo. A começar por não aviamento sem borracha. Nada de avios por conta da produção a extrair. Trazendo borracha, levar o da 'carecência' de rancho como diz Marcelino. Calhando de não trazer, patrão não aviava um tostão. "Se a precisão fosse de tanto necessitar, morresse de 'fomintura.' As roupas já poucas vão aos poucos se tornando farrapos. Diminui-se a farinha, o pirarucu. Cachaça, nem pensar. O café torna-se luxo. "Até remédio deixava de aviar. Bem uns dez os morridos neste abandono. "Aviado sem saldo, amarrado ao patrão." Sempre devendo. O trabalho nunca suficiente. A violência vai se enraizando como forma de poder: "-Fique certo de uma coisa. Quem manda no seringal é o dono. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.246)

Qual o limite que alguém suporta os maus tratos e medos? E quando se trata de homens acostumados as mais rigorosas adversidades:

> "Bichim danado este Veras, respostar em ribinha de patrão. Na cara do homem, afrontação de presença: - Meu patrão está furtando no saldo. Tinha mais de cinco contos de reis. Quero tudo no pago direito." Nem careceu patrão se inteirar dos mal ditos. Levou no confronte da cara, no topo das barbas. . Não teve tempo de mais nada. José Sertanejo mais Bafo-da-Onça, entralharam o homem nos bem forcejados. Patrão só teve trabalho de sangrar. Meteu a faca, entremeios da Cantareira do cabra. Veras arriou em cima dos quartos. Num deu nem um ai…, estremunhou apenas no ansiado de morte. …Quem viu, disse que não viu. Patrão logo se botou nas recomendações. Nada de falado do que se deu. Saindo falações corto a língua do filho da puta. Bem no topo, um nunca mais há de fuxicar."(Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p248)
>
> -Já teve medo inumeráveis vezes, senhor Faulques?-Inumeráveis, sim. Disse muito bem. Markovic, parecia incomodado com o sorriso de canto do pintor. Eu ia lhe contar- disse numa baforada de fumaça – uma vez vomitei ao amanhecer, antes de um ataque. De medo puro medo. Limpei a boca comum lenço de papel, e quando o joguei fora ficou preso num arbusto, como uma manchinha clara. Fiquei olhando para aquele lenço enquanto amanhecia… Agora, sempre que penso no medo, eu me lembro daquele lenço de papel preso no arbusto (Pérez-Reverte, Arturo, O pintor de batalhas S.Paulo, 2006 ,p.91)

Justificando suas crueldades como forma de manter a escravidão, ele sabia que cumprir com o prometido o fazia respeitado, era considerado homem de apalavrado sério. Quem era que nem ele de mau. Mesmo estúrdio de malvadeza, cumpria. O que se chama dignidade quando a questão é sobreviver?

> "[…] nem o nome de Deus favorecia seringueiro necessitado". "De várias dessas se dar, o homem nem de amolgava com o sofrido dos outros.- Pelo amor de Deus, meu patrão. Pelosangue de Virgem Maria. Minha filha está se acabando de febre. Avie de ao menos o quinino. - Vá trabalhar cabra safado! Que filho, que merda nenhuma! Quando tiver saldo não serve? – Precisa ser agorinha, meu patrão. Sem quinino filha não vai resistir ao calibre da febre. Pelo amor de Deus… – Já disse que não é não mesmo. Quem não tem posses, montar a família[…] (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.266)

10 Ver HEGEL, 1989,p.145. O autor faz estas colocações ao longo de sua reflexão entre aliberdade política e liberdade do pensamento, argumentando do por que a filosofia só começa com mundo grego e não no oriente.

Peréz-Reverte nos coloca o mesmo quando Faulques fotografa a morte de um somali que se atira ao Pé do carrasco, implorando por sua vida enquanto este o cobria de pontapés para vibração de garotinhos que observavam a cena- e – assim de joelhos e agarrado a perna do miliciano e posteriormente suas súplicas ao ver de perto a boca do fuzil e depois os impactos da bala.

A temporalidade dos seringueiros *layer* anterior a da globalização do mercado. Contudo, os donos do poder continuam enraizando escravidão pelo medo e como disse Hegel pela sua energia da vontade que não é mais do que arbítrio.

> "Contando que sobreviva" - diz o croata Markovic durante a guerra da Bósnia. Sobreviver para os seringueiros era seguir sem ver o saldo, nem um réis e se calar. Senão sangrava como Veras, como porco.
>
> - Muito, de nada serve implorar- diz Faulques- e mesmo se rebaixar aos pés do verdugo não garante nada.
>
> - Mas tentam - disse. Quase todos, na realidade. Alguns conseguem.(Pérez-Reverte, Arturo, O pintor de batalhas S.Paulo, 2006, p.115)
>
> Serrão tentou fugir, mas fogo logo agarrado pelos cabras. De trás vinha Bafo-de-onça, sorridência malvada, nos maus ruins fazer com o Serrão. Furados de faca, pancadejados de pau. Serrão caiu no enlanguescente, fraqueza de íntimo. Soluçados altos implorados a patrão. –Faço de outro não. Por Nossa Senhora, era de propósito voltar. –Vá com essa pra outro, seu filho da puta! Ajude aí sertanejo, agarrem o homem bem sujigado. Marcelino é você que vai fazer o serviço. Cortar as orelhas desse cabra, torar bem renteado à cabeça. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.267)

E então, Marcelino, sem conhecer Hanna Arendt, percebe a dimensão do terror:

> "Pois foi seu menino. Como? Que jeito, podia-se de sonegar? O senhor descumpria os ordenados por seu Macário? Foi no contenente fazer os maus mandados. Apois botar sal com cinza no ferido, pra de logo sarar. Obediência aos ordenar de patrão, tudo de feito nos pedir dele. Dependurar as orelhas no fumeiro, amarradas em envira. Passou de ali foi tempo perdido. Murchando, fica no sujica. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.268)

Como murchando estava Marcelino no seu corpo e espírito se tornando parte da estrutura da escravidão. Pedaço a menos no corpo de Serrão. "Pedaço a mais na crença de que o terror não tem fim."

Um quadro tão próximo apesar do distanciamento nos anos está descrito neste pequeno fragmento da obra de Perez-Reverte: Quando me libertaram-prosseguiu Markovic-, eu ia com os outros no caminhão… Quase não falávamos. Nem sequer nos olhávamos. Envergonhados. Sabíamos coisas uns dos outros, entende?…Coisas que queríamos esquecer (Pérez-Reverte, 117).

Marcelino intui, mas não o sabe. Não existe uma universalidade humana, assim como as coisas, o ser humano sofre sua constante objetificação. Esta pode ser analisada como Miller a faz seguindo a perspectiva de Hegel, que torna a construção humana e tudo que o cerca processual e demarcada pelos contextos, ou, pode ser associada à reificação no sentido marxista em que a escravidão o torna um objeto de uso e função delimitada e por isto tranquilamente substituído e destruído. Escravidão pressupõe a homogeneidade para que a razão instrumental e a racionalidade possam submetê-los por igual. Esta homogeneidade de homens, denominado sobre conceitos genéricos como cabra, caboclo, nordestino, seringueiro, representa uma anti humanidade, pois como nos disse Cassirer[11], a homogeneidade é justamente o que jamais encontramos no homem. Jones,[12] assim como outros autores da teoria da materialidade, busca estender esta incapacidade de homogeneidade para as coisas, pois estas ao estarem em constante relação com os homens sofrem diferentes interações e transformações e atuam sobre as relações humanas. Também Miller[13], reflete sobre o problema da homogeneidade da humanidade quando analisa os comportamentos tão diferenciados entre as diversas tribos ocupando um pequeno espaço como a Papua de Nova Guiné. Em sua análise refuta a correlação homem, função e meio.

O facão usado por Marcelino para cortar as orelhas de Serrão, não será mais apenas um facão, mas "aquele" carregado de outro valor simbólico que lhe remete a uma lembrança. Por outro lado, como Serrão faria para esquecer a falta de suas orelhas? Que tipo de pensamento Serrão passaria a ter ao olhar Marcelino e os facões ou os terçados?

Mas será que é possível a transmutação de Marcelino em seu não ser pela sua reificação?

> .. Dona Targina ao piano. O sonido da música fechando os entristados, caída da noite. Tomando os vazios, enchendo o quieto.Abarcando a distante da mata, na alegração das tristezas. Era de bonito escutar-se, os resfrescados da tarde caída, batida de tons. Nos entremeios, os sabiás piavam nos estirados das terras. Cantadas de mais assanhar coração, revolver passados escondidos. Familhação toda ao lado. João Ivo, Dora, Maria de Luz…Reunidos em casa, horas tardeinheiras da tarde. Pedaços arrancados de homem. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.269)

Então, Marcelino se torna consciente de sua situação e faz a síntese entre passado e presente em suas memórias:

> […] Morridos na ilusão de pai, marido, ter de seu ganho na seringa, abastados vividos. Apartados dos eus, findando na canseira dos anos. Já não de ter-se bom saldo, acontecer os de acontecidos, os desavençados das terras. Na derradeira toada, amargureios vazados de íntimo, rompidos de alma. Lembrados de mãe, manos deixados na terra, sertão desbravado. Houve de ocasião, sim senhor seu menino. Cabeça baixada, olhos borbulhados de lágrima. Sofridos de seringueiro. Magoados escondidos na noite, acoitados nos cobertos das matas gerais. Gente de aventurar… enganoso, miséria, malvadez de todos os jeitos. Apois é seu menino. Por hoje já basta o de dito. Passado é passado, repetir é tristeza. Para que avivação de ferido sarado. Asneira o tentar, cabeça falida dos se dado na exata… Desaparecendo os vestígios, acontecidos se ido no tempo. Deveras, amanhã continuar cabeça avisada… Chorando mesmo. A noite encoberta magoações de seringueiro. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.270)

Não, Marcelino, não perca sua memória, pois, é esta que se apresenta em seu mundo simbólico e reflexivo que resguarda sua humanidade. Como nos diz Cassirer:

> En lugar de tratar com las cosas mismas, encierto sentido, conversa constantemente consigo mismo. Se ha envuel-to en formas lingüísticas, en imágenes artísticas, en símbolos míticos o en ritos religiosos, en tal forma que no puede ver o conocer nada sino a través de lainter-posición de este medio artificial. Su situación es la misma en la esfera teórica que la práctica. Tampoco ésta vive en un mundo de crudos hechos o a tenor de sus necesidades y deseos inmediatos. Vive, más bien, enmedio de emociones, esperanzas

11 Ver, CASSIRER, P.15

12 Ver Jones, 2007, cap.2 p.37

13 Ver Miller, 2010, p.71

> y temores, ilusiones y desilusiones imaginarias, en medio de sus fantasías y de sus sueños. "Lo que perturba y alarma al hombre — dice Epicteto—, no sonlas cosas sino sus opiniones y figuraciones sobre las cosas (Cassirer, 1967,p.26)

A escravidão só o reificará em definitivo se ele deixar desaparecer os rastros, os vestígios dos acontecidos do seu tempo. Ao manter sua memória como espelho, Marcelino sobrevive.

Entre um dos últimos horrores vivenciados por Marcelino tem como centro de novo Serrão, o homem das orelhas toradas.

> "Serrão vinha andando lerdoso, assobiando no desaviso, nos intentos de entregar,uns quilinhos de nada de sernambi, para aviar alguma coisinha. Topou com o patrão de mau humor, nos amargados do fígado. Patrão gritou nuns exasperos de juízo avariado.
>
> -Botem esse filho da puta no tronco! Com semambi[14] no costado e tudo. Seu menino, homem de bem não mente. Deu-se isso, maneira de como se conta, acredite. Com esses olhos foi visto. De gente afeito a maldades, o não querer enxergar. Botar-se a olhar para outras bandas. Até José Sertanejo, o disso fazer no disfarço. Patrão atirou querosene em cima do homem, ateou fogo. Era o semambi chiando com carne queimada. Passados anos em cima de anos, como coisa ainda os berros do Serrão escutar. O fogo derrotando o corpo do mal feliz, de ficar aquele jintinho de carne. [...] Os uis, os ais, meu Deus, Nossa Senhora, o ter-se como pregados ainda hoje nas oiças. Serrão uma fogueira gemente, gritante de dores. A coisa foi de tão feia, de o próprio patrão renegar. –Que fiz eu...! Mas logo se botou nos remedeios de erro. Foi de bem exemplado. Um preguiçoso no corte. Ainda tentar arribar, como de fez noutro dia[...] (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.276)

Arbítrio total de quem manda. Obediência total dos escravos. Borracha e corpo fundidos no horror da tirania e da escravidão. Prática que se repete ao longo da história da violência, muito além dos seringais.

Pérez-Reverte por meio de seus personagens nos mostra a contínua existência de Macários Gomes. No diálogo entre Faulques, o fotógrafo de guerra narra para Markovic, o croata que viveu a guerra na Bósnia, sua presença durante a guerra civil em El Salvador.

> A coisa se passa em um casarão que servia de manicômio quando há uma intensa batalha entre os guerrilheiros e os soldados: - voltei dois dias depois, para dar uma olhada...um dos loucos se aproximou de mim com ar misterioso para me mostrar um frasco que me pareceu de pêssegos em calda... Depois vi que eram orelhas cortadas.
>
> -Markovic deu meia-volta na direção de Faulques. Parecia realmente interessado.
>
> -Tirou a foto?- Nunca teria sido publicada. Por isso não tirei. -Mas tirou, sim, e foram publicadas, aquelas dos homens em pneus em chamas ardendo em volta do pescoço...Na África do Sul, se não me engano. (Pérez-Reverte, O pintor de Batalhas, S.Paulo, p.131)

Penso, nesta tríade, objeto, homem e fogo. O que Bachelard nos diria sobre isto? O que os pensadores da materialidade nos diriam?

Raimundo Marcelino trai seus companheiros a mando do patrão quando houve a primeira revolta contra o patrão. "-Conheceram da traição, firmaram olhos em cima. Uns até chamaram de filho da puta. Se não tinha de culpa, obediência ao patrão. Quem podia se escusar, proceder ao invés."

> Antes tivessem morrido. Sofreram horrores. Gritos noites a dentro por dias. Outros foram afogados num afundar de barco. Mas havia um, Timóteo, este sim era homem de verdade, nunca fracateou. Pernambucano de culhão de macheza. Sorria nos maiores padecidos, ainda de agravava. Pode fustigar Sertanejo, só bate em macho amarrado. Faça de que seu patrão manda coisa de sua obrigação. Mas fale de lá a ele, homem de minha igualha não se alquebra...Quanto mais provocava mais apanhava, mas não se calava: Homem é homem. Morre, se tem de morrer, mas não se adoma a cabra safado...Patrão notou quebraço de Timóteo pegara do mal. Nuns feios arroxeados, sangrando pustema. Havia de partido com os espancados do pau. Achegou-se ao homem falando com mangação.
>
> - O jeito é cortar. Se você for cabra machão Timóteo, faço o serviço e olhe que faço bem-feito.
>
> –Não me conhece, seu filho da puta! Pernambucano não se amolenta por pouca coisa. Pode torar o braço às intenças, seu coronel de merda!
>
> Patrão fez os aprontes. Serrote amolado nas costas, denteados miúdos. Amarrou o braço de Timóteo bem de acochado, acima do mal apanhado. De com a navalha, começou pelo corte da carne. Apois, a serração do osso. Era um arruidado feio, os estalidos de osso mordido de ferro. Timóteo insobrossoso, sem se adomar. Olhando em ribinha do serviço, nuns ar de mangação. Risados à beça, ainda desfeitaeando o coronel.
>
> -Sem avexames, pode serrar no vagar. Não sou da sua qualidade. Coronel. Que só faz das perversidades, com macharada à ilharga guardando. Coisa de fêmea, dos viver medrosos. ...Botou-se a especular os serrados do osso. Não carece de muitos ajeites. Querendo pode cortar de terçado. ... Findando o trabalho, botou cinza quente no ferido, mais copaíba. Isso a modo logo sarar. No ir-se saindo, voltou-se a Timóteo. Segurou o pedaço de braço torado. –Este não fará mais mal a ninguém.
>
> -Se fosse assim, Coronel, se tinha de cortar mais a do senhor, bem no topo. Já de era de cotó dos dois braços. Patrão enraiveceu-se mandou a cara na cara do cabra... Timóteo cuspiu dente sacado. Riu, olhou com soberba, cabeça erguida.
>
> -Açoite, Seu Coronel. Um homem amarrado, sem nada poder fazer. O senhor espritado, valente, com macho ao lado guardando. Bonita coisa... (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.307)

No universo do romance, os objetos modificam suas funcionalidades de acordo os tipos de violências. Troncos, paus, serrotes, umbigos-de-boi, sal, açúcar, formigas, carapanãs, os corpos antes fortes e sadios, em pouco tempo deteriorados pelo cezão, pela fome, pelas rudezas. Todas as formas que se deformam com o tempo. Funcionalidades, muitas destas, criadas e modificadas a partir de convenções, pois são seus contextos que a vão permitir conceituações.

Tudo é adversidade e os corpos são as marcas de temporalidades. A reificação (quando o homem se sente como um objeto estranho e inumano, com sua vida alienada em sua exterioridade), Marx iguala corpos humanos às outras coisas e aumenta à medida que já não pode falar, ou melhor, expressar. É no silenciamento forçado que o homem é retirado do seu universo simbólico e talvez, da sua diferença sobre as outras coisas. Diferença que não pode ser confundida com superioridade. A assimetria estrutural pressupõe o domínio da alteridade.

Na reflexão de Marcelino, as coisas da vida difíceis de entender: Coronel Macário Gomes, uma desgraça de patrão, sugador do sangue de seringueiro. ...Coronel Anastácio Trajano, bondade de gente, infelicitado com a perda das terras. Não se bem entende essa vida, seu menino. Os bons se desgraçam cedo, quando a morte não pega, vivem nos maiores necessitados.

Marcelino atinge plena consciência da transformação que o seringal impõe a cada um quando se utilizando de sua memória simbólica. Aquilo que Cassirer definiu como processo no qual o homem não somente repete sua experiência passada assim como a

14 Semambi- é uma borracha de baixa qualidade

reconstrói; a imaginação se converte em um elemento necessário do genuíno recordar. É sobre este recordar que Marcelino reflete sobre seus dois irmãos que chegaram ao seringal, após a morte de seu irmão Sabino. Eles se apresentaram como jagunços perigosos e fugitivos da polícia do sertão. À medida que foram ficando no seringal foram adquirindo a confiança de Macário Gomes e conseguiram postos de 'homens de confiança':

> -Vá fazer logo dos mandados, Marcelino. Se não quer pegar umas adomações de tronco, amansas de umbingo-de-boi.
>
> -fiz nada de mal. Seu Hónório. Apenas perguntei se já havia acabado a lenha.
>
> -Se avexe é o que é, e deixe de conversa de coirão. Foi quando se viu amargurados de homem, seu menino. Os sentir profundos magôos. Mano Honorário falar brabo com seus pedaços (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.338)

Bela metáfora do tecido familiar que a seca e o seringal dispersou pela morte e infortúnios de ilusão. "pedaços". Mas, o que somos senão pedaços de uma realidade que tudo abarca? Corpo, coisas, objetos, memórias:

> -Nascidos da mesma mãe, pedaços da mesma carne, gente de bons proceder lá do sertão. Pai nunca foi de praticar malvadezas. Honório alvoriçado, nos ameaços de botar no tronco. Desconsiderados lá dele mano. Dias passados nos maiores sofridos. Lembrar o sertão, os sadios conselhos de mãe. Honório querendo seguir outro rumo. Malquerença com de seus pedaços, querente açoitar.Andanças mais manos pelo sertão, nas brincadeiras mais eles..."E isso agora calhar acontecer. Mano Honório nas sisudezas ele, ameaçar espancar. Deu-se por perto chorar, mano açoitar os de seus pedaços... Com embirranças mais ele. Iam se passando os tempos. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.338)

Marcelino intuía, percebia que suas memórias e lembranças não seriam suficientes para re-fazer o que já era passado. Adaptação e sobrevivência, inclusive a este estranhamento os seus irmãos. Mas chegou o dia em que este estranhamento certo incômodo que Marcelino sentia e pensava consigo mesmo como que associado a uma desconexão com o que lhe era familiar vai se materializar :

> -Cair na besteira de dizer a dona Targina, nova mulher do patrão que a comida estava ruim. Ah, seu menino, nem se conta, foi ouvir uma porção de destratos. Um comilão desse, petulante a reclamar o que dá de favor. Não serve nem para ter ganho do de comer. Roupa, tudo que tem, recebe de graça. Magine só! Trabalheira dia inteiro escutar-se desses desabusados. A mulher assanhou-se. Agarreesse cabra, Seu Honório. Meta no tronco para apanhar de mulher. Mano se achegou, fez os mandados de Dona Targina. De bem encagado no cepo, tomou um galho de cuia, bateu à vontade. Dona Targina também. Mano de cumpriu as ordens. Topar com ele em riba dos olhos, nem aluiu sentimento. Cara amargosa, fechada, uns franzidos acima dos olhos. Foi quando se diz amargurados de homem. Esbordoado por gente de seus pedaços. De escorrer água dos olhos, os ressentidos moendo Honório, palavra nenhuma não deu. Asserenado como se nada de ruim tivesse feito. Foi hora, seu menino, vontade se ter cuspir na cara do mano. Os revoltados de íntimo batendo soluçados, magôos, buliçando lá dentro. Como mano era ruim se a mãe assim não o ensinou. Os lagrimados caindo, soluçados retidos. Honório nem se amoldava... (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.343)

Corpo e coisa, Marcelino, enfim, transmutado em objeto. Reificado. Um homem sem futuro."um homem comendo que nem porco. Mandava de juntar os sobrados de comer da casa. Misturados de peixe, caça, osso, era a janta e almoçado. Das vezes repugnar, jeito não tinha a fomintura apertando... Até mesmo Tubarão, coitado, pele e osso. O comer os restinhos da sobra. A bem dizer, lambisco do prato" (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002, p.344).

O que Marcelino nos diz a seu modo está em Marx:

> [...] todos os seus sentidos se tornaram prisioneiros de suas necessidades de sobrevivência e com isto se tornaram com sentido limitado. A objetivação da essência humana, tanto no aspecto teórico como prático, é, pois, necessária, para tornar humano o sentido do homem, como para criar *o sentido humano* corresponde à riqueza plena da essência humana e natural. (Marx, 1985,p.178)

No entanto, a história de Marcelino, não se traduz em suas percepções ou passado. Sua história está interligada as histórias dos outros homens que compõem Cassianã. Para muitos destes, a escravidão não ocorreu: houve escolha. E isto Marcelino refletiu, mas não compreendeu resposta. Seus irmãos, Honório e Saturnino, ali estavam para se vingarem da morte de Sabino. E o fazem. Após terem conseguido a confiança total do Coronel Macário Gomes, eles o matam.

> "-Meu patrão! Ei meu patrão. O homem desembocou sonolento, aturdido. Honório braço apertando o pescoço do coronel. Saturnino dando ademão. Amarraram a boca, entaniçaram o homem de corda. Também se deu das ajudas sem mano pedirem. Botando patrão na rede, fazer-se as malinações merecidas, mas ele. Nas piores malvadezas, picadinho lento de carne. O punho da rede sacolejando. De um lado mano Honório, do outro mano Saturnino. Aquela inana de rede pra cá e rede pra lá. Patrão recebido na ponta da faca de um lado e do outro. Marcelino assumir o lugar de Honório. Antes de findar, dizia Saturnino, fique sabendo que Marcelino também é nosso irmão. A faca comendo o corpo do patrão de todos os jeitos. A humanidade se desfeita na vingança. "Tudo o mais vingar, descontar dos mus pedaços passados. Provar da ruindade do coronel. Lamber a faca, sangue ciima, sem gosto nenhum. Que nem água. A boca ficou toda vermelha. Alívio íntimo, a alegração de ver sangue. Cor de vingança. Propósito de sertanejo. ... Basta Marcelino! O homem já acabou... Daí os três irmãos se abraçarem. Roupas sangradas, doídos misturados com sangue. Honório soltando lágrimas. Marcelino tu de perdoas mano, carecia fazer de tudo. Dos açoites mais tu, estou desculpado? Mais foi disfarços, gozar da fiança do homem. Para essa hora, eu mano. Tão esperada, dias, meses..." (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus,p.354)

Para Honório e Saturnino, o futuro de volta ao passado, no sertão. Para Marcelino, o ficar. Afinal, seus pedaços estavam na terra, mulher, filhos e diria que o próprio Marcelino sujeito.

> Não de ia plantar-se para sempre no Cassianã. Voltava um dia ao sertão. Só de não ia agora. Honório queria obrigar, desistiu. Abraçados doídos dos manos... A canoa largou-se. Aprumada, o fio da corredeira apanhou. Um vulto distante, perdendo feitio. Se afastando o negrume fechando os estirões. Tomou o rumo de baixo, o temporal açoitando. Chuveiro e lágrimas de homem, à noite molhando. (Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus p.356)

Marcelino objetificado como em Marx não mais como escravo, mas como vulto, de novo sem feitio, porque sem lastro. Entretanto, a objetificação de Hegel, nos permite pensar um recomeço, pois, tudo é processo como nos propõe acreditar Miller.

> Olvido a brilhante fotógrafa de modas que se torna companheira de Faulques no romance Pintor de batalhas deixa uma pista sobre

> a escolha nas pegadas de Hegel e Miller: "Quero violentar minha velha ingenuidade. Minha surrada inocência, tão supervalorizada... A partir daquele instante, Olvido nunca mais produziu qualquer obra segundo a estética e o glamour nos quais tinha sido educada e vivera, virando-lhes a costas deliberadamente. Todas as suas novas fotos passariam a ser uma reação contra isso. Nunca mais houve nelas pessoas nem belezas só coisas acumuladas como num bricabraque, restos de vidas ausentes que o tempo atirava aos seus pés: ruínas, escombros, esqueletos de edifícios escurecidos recortados contra céus sombrios, cortinas rasgadas, armários vazios, móveis queimados, cartuchos de balas... trabalhos feitos sempre em preto-e-branco, antíteses das cenas de arte ou de moda que fotografara anteriormente; da cor, da luz e da focagem perfeita que tornavam o mundo mais belo que na vida real.(Jacob, Paulo, Dos ditos passados em Cassianã, Manaus, 2002,p.154)

Olvido responde a Marcelino sobre as mudanças de seus irmãos. Homens livres fazem escolhas e se abrem para possibilidades que vão além da sobrevivência.

Considerações Finais

A leitura do romance Dos ditos passados em Cassianã e as reflexões sobre as teorias da cultura material abriram espaço para outras discussões que nos indaga sobre o universo das coisas que ao estarem próximas ao homem age sobre este e o modifica.

Neste sentido abstrações e concretudes compõem mesmas realidades observadas, analisadas e percebidas em *layers* diferentes. É preciso escrutinar com delicadeza estas muitas realidades e ali buscarmos não um homem, mas vários personagens as quais denominamos de homens e lhe damos um passaporte passageiro para o mundo no qual denominamos de humano. É o que os personagens tanto Marcelino quanto Olvido, Faulques e Olivo nos dizem sobre as paisagens que se tornam móveis, modificando-se, encolhendo-se, construindo-se ou se destruindo. Cassianã é uma metáfora de todo um ciclo de economia e sua mais absoluta expressão material a empresa capitalista – o seringal que pressupõe e impõem(?) por meio da violência extrema, relações de poder assimétricas e relações de poder. Enquanto transitório impôs com um poder quase que absoluto um tipo de vida aos personagens seringueiros daquelas paragens: a semiescravidão ou escravidão. As discussões sobre este espaço e tempo vividos em Cassianã se refletem como as coisas ali se entralaçavam em suas diversas possibilidades de agências. Da objetificação de Hegel à reificação de Marx, Paulo Jacob ou em Arturo-Revetez o que está em jogo é a possibilidade de designar. E, afinal, o que designamos por coisas e homens?Alienação e violência? Liberdade e emancipação?

O próprio texto que acaba de ser tecido, ao longo do percurso foi me indicando novas reflexões, modificando olhares e palavras, reescrevendo pensamentos e autores. Em vários trechos densos porque nascido dos escritores entre experiências vividas, memórias e informações fui sendo levada a lembrar, a recordar e pensar sobre as reportagens, as fotografias, os livros de histórias, as biografias de seringueiros, a cidade de Manaus, cidade onde nasci e não a vivi, da cidade nordestina onde vivo das formas como penso e vivo meu cotidiano. Pensei sobre as escolhas dos objetos que rodeiam minha mesa de trabalho, da casa onde moro, da forma de relações que estabeleço com as coisas que acabam por definir aquilo que nomeia a minha condição humana e me retira do mundo ficcional.

Assim esse texto resultado de leituras ficcionais, antropológicas e filosóficas não permite ir além a uma reflexão mais profunda, mas sim momentânea da complexidade das coisas e por isto mesmo difícil de ser historicizada em seu todo ou categorizada em uma genérica identidade. Considero assim que este estudo é apenas um pequeno rastro do que consegui apreender do que afinal é o home e Cassianã como expressão da empresa capitalista par excellence.

Referências

Aristóteles. 2009. **A ética a Nicômaco**. Bauru, São Paulo: Edipro, 3ªed. 319p

Barros, J. D'A. O conceito de alienação no jovem Marx. In: **Tempo social** revista de sociologia da USP, volume 23, nº 1. Junho de 2011 p.223-245.

Bergson, H. 1999. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação corpo e espírito. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1999. 290p

Bourdieu, P. 1989. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 159p

Cassirer, Ernst. 1967. **Antropología Filosófica.** ***Introducción a una filosofia de La cultura***. México, Fondo de cultura econômica.196p

Furtado, C. 1959. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro. Editora Fundo de Cultura. 288p

Garaudy, R. 1996. **Minha jornada solitária pelo século – Memórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 298p

Hegel, G.W.F. 1989. **Introdução a história da filosofia**. Coleção os Pensadores. Volume II. São Paulo. Editora Nova Cultura. 238p

Jacob, P. 2002. **Dos ditos passados nos acercados de Cassianã**. Manaus AM: SEC. 356p

Latour, B. 1998. **Jamais fomos modernos**: ensaio de uma antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34. 152p

Marx, K.1987. **Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos escolhidos.** Coleção os Pensadores São Paulo: Nova Cultura, p.169-213

Miller, D. 2010. **Treco, troços e coisas: estudo antropológico sobre a cultura material.** RJ, Ed. Zahar.126p

Perez-Reverte. 2008. **O pintor de batalhas**. São Paulo, Companhia das letras.250p

Ribeiro, F. L. 2006. Cartas da Selva: algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia. In **História: Questões & debate**, Curitiba, nº 44, p. 147-162, editora UFPR.

Setton, M. da G. J. 2015. A Teoria do *Habitus* em Pierre Bourdieu: Uma Leitura Contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Junho/Julho/Agosto, Nº20. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Disponível em www. Scielo.Br/Pdf/Rb e Acesso Em Set.2015